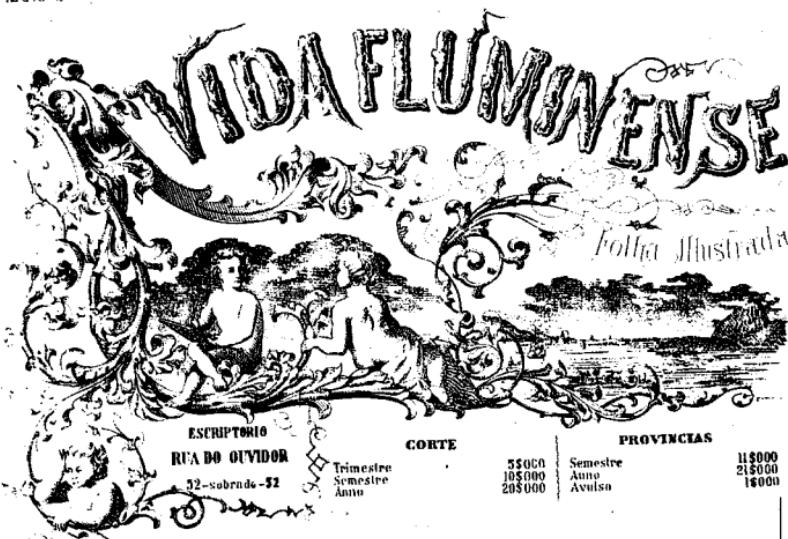


ANNO 3

SABRADO 26 DE MARÇO DE 1870.

N. 117



ESCRITÓRIO

RUA DO OUVIDOR

52-sobrado-52

CORTE

Trimestre  
Semestre  
Anno

55\$000  
105\$000  
205\$000

PROVÍNCIAS

Semestre  
Anno  
Avulso

11\$000  
21\$000  
16\$000



JOSE ANTONIO CORREIA DA CAMARA

Marechal de Campo e Visconde de Pilóas

## A VIDA FLUMINENSE

Rio, 26 de Março 1870

Para começar direi, nos que me fizeram o favor de ler a *Vida Fluminense*, que também me batem à porta a epidémia da moda, deixando-me durante quinze dias num estudo em que não desejo vir ninguém..., ninguém, nem mesmo o redactor do chinês Ba-ta-lhan.

Esta declaração poderá parecer pretenciosa, não tendo a alteração de minha saúde fôr de notícia importante, que deva ser acompanhada de perto por boletim ou gazetilha, primeiro e ultimo degrau da escada noticiária.

Mas fago-a com o único fim de explicar o não cumprimento do meu dever de chronicista, durante tres semanas.

Pensará e dirá alguém: foi isso uma felicidade para todos.

Eu também acho.

E ponho o ponto final em tal assumpto.

\* \*

Creio que os leitores já sabem de cór a historia da chegada, desembarque e recepção feita aos dous contingentes de voluntários, que primeiro regressaram ao torrão natal.

As folhas diárias já exploraram de sobjeito esse assumpto, descrevendo as ovações e reproduzindo *en toute lettre* as poesias e discursos recitados.

O *Jornal do Commercio*, com especialidade, como verdadeiro pharol do progresso... de secos e molhados no Brasil, e cujo primeiro (1) redactor é *terrá marius* conhecido como o literato mais distinto, a Ignez da Horta mais lettreira, o critico mais imparcial, o jornalista jornalheiro mais fecundo, tão fecundo, que por vezes achando acanhado o campo da sua inimitável gazetilha, divide-se em ir nas horas mortas da noite, com o rosto disfarçado por uma mascara (ainda não averiguai se de folha de fandres ou de veludo preto), escrever também alguns libellos difamatórios no corpo desse Pasquino, que se intitula *Publicações a pedido*, como se todos não soubessem que são—pagas à bocha do cofre, o *Jornal do Commercio*, esse mais que nenhum estendeu—se valer.

Compulsem—o os assinantes da *Vida Fluminense*

e leiam—o sem rir se puderem, que não me cansarei em repetir o que já disse a *habil pena de gaço portuense*, que um dia é francamente admirador dos geníus, mas que outro dia se embaga com XX, como se um só não bastasse.

Seguirei outro rumo; contentar-me hei em apresentar algumas considerações sobre os versos e a prosa com que foram metralhados os bravos defensores da hora nacional no dia 21 do corrente.

A primeira descarga na rua Direita foi do Dr. Costa Ferraz, um dos oradores da comissão popular, que (como bem diz o *Diário do Rio*) "teve a lembrança de rec ber festivamente e em massa fôludou os demolidos batalhões".

O Dr. Costa Ferraz, coroando o estandarte do batalhão fluminense, profere um pequeno discurso, cheio de entusiasmo, que foi calorosamente aplaudido.

Em seguida o Dr. Varejão, collocando outra corda na bandeira do batalhão pernambucano, disse algumas phrases que arrebataram os ouvintes, erguendo afinal algumas vivas que foram repetidos por sete a oito mil bocas, frenquentes de ardor patriótico.

Ben avisada andou a comissão popular escutando para interpretes de seus sentimentos dous moços tão robustos de intelligence, quanto de amor da patria.

\* \*

Isto comprehendo eu.

Comprehendo que um volumoso grupo de cidadãos conspicuos, que em cerrada pi.ha vai saudar a cordar os beneméritos da patria, tenha o direito de dizer-lhes: suspendei vossa marcha e ouvi-nos.

Mas que um *genius ultroque* qualquer se aproveite da oportunidade para politicar, erguendo vivas ao immortal Osorio, não pelos serviços que prestou ao Brasil na titânica crusada, mas pelos que ainda pôde prestar ao seu partido na briga de gallos ministerial, eis o que não posso comprehender.

Sou entusiasta, como o que mais o é, do lendário riograndense, mas sendo a festa do dia 21 consagrada nos batalhões de voluntários 23º e 30º, que voltaram do campo da guerra, que sig-

ficação podem ter meia duzia de versos de bala de estalo, em seu louvor exclusivo, gaguejados de uma janella da rua da Alfandega?

Dias antes quando chegou a notícia da terminação da guerra, bem cabida seria qualquer poesia especial ao General Osorio, mesmo a que só pudesse andar de moletas, como a da rua da Alfandega; mas no dia 21!

A quinta quadra recitada pelo Sr. Dr. Pinto Junior diz:

Baluarte inexpugnável  
Os vossos peitos são contra os tyranos;  
Na luta interminável  
Sois bravos, sois leões, mas sois humanos.

Estes leões humanos não deixam de ter sua graça; porém o que é para morrer de riso é a tal luta apropriadamente interminável dous ou tres dias depois de chegar a notícia de sua terminação.

Mas o Dr. Pinto Junior sempre teve fama de engraçado....

Felizmente para os voluntários da pátria não foi o Dr. Pinto Junior o unico poeta que pediu a palavra.

Na rua Direita o Sr. Dr. Bonisucceso saudou o batalhão fluminense com quatro lindíssimas decimas. Citarei a primeira para amostra:

Partindo, vaticinei  
Que seríeis vencedores,  
Que nem do sol os ardores  
Da fome os crueis horrores  
Vos forçaria a fugir!  
Não me illudi. Se resume  
N'estes termos vossa historia:  
— Cada passo uma vitória,  
— Cada combate uma glória  
No presente e no porvir!

O forçaria do quinto verso pôde sofrer algum reparo; mas em compensação quanta naturalidade e fluência em toda a poesia?

Se o tribulhão do Dr. Pinto Junior parece um aborto, este bem merece o nome de *bon successo* poético.

No campo da Acclamação o Sr. Pires Ferrão leu umas inspiradas quadras, felicitando os dous batalhões pelo seu vitorioso e feliz regresso.

Querem avaliar a energia dos versos do Sr. Ferrão? Ahí vai uma das quadras:

E se finda era a horrenda procella,  
Cada qual, de valor redobrando,  
Se empenhava de novo na luta,  
Sempre firme, morrendo e matando!

Na rua da Constituição os Srs. Francisco Augusto de São e Dr. Miguel Feitá tambem fizeram parar a marcha dos batalhões, aquelle para recitar um soneto, bonito, porém um tanto campanudo; e este uma extensa poesia, bem confeccionada, exaltando os feitos dos voluntários fluminenses.

Na praça da Constituição o Sr. Alfredo Braga leu, n'uma das janellas do conhecido estabelecimento do Braguinha, uns versos, que não pude ouvir, mas que agradaram, a julgar pelos applausos com que foram recebidos.

Na rua Sete de Setembro o Sr. Alberto da Costa, como orador da sociedade Euterpe Commercial (Tenebrantes do Diabo) receberam os bravos voluntários com uma pequena, mas entusiástica allocução.

O Dr. Guimarães Junior, folhetinista do *Diário do Rio* e festejado autor dos *Corymbos*, tambem pagou o tributo do seu vigoroso talento, recitando uma poesia, bela como todas as que elle sabe fazer e de um arrojo!

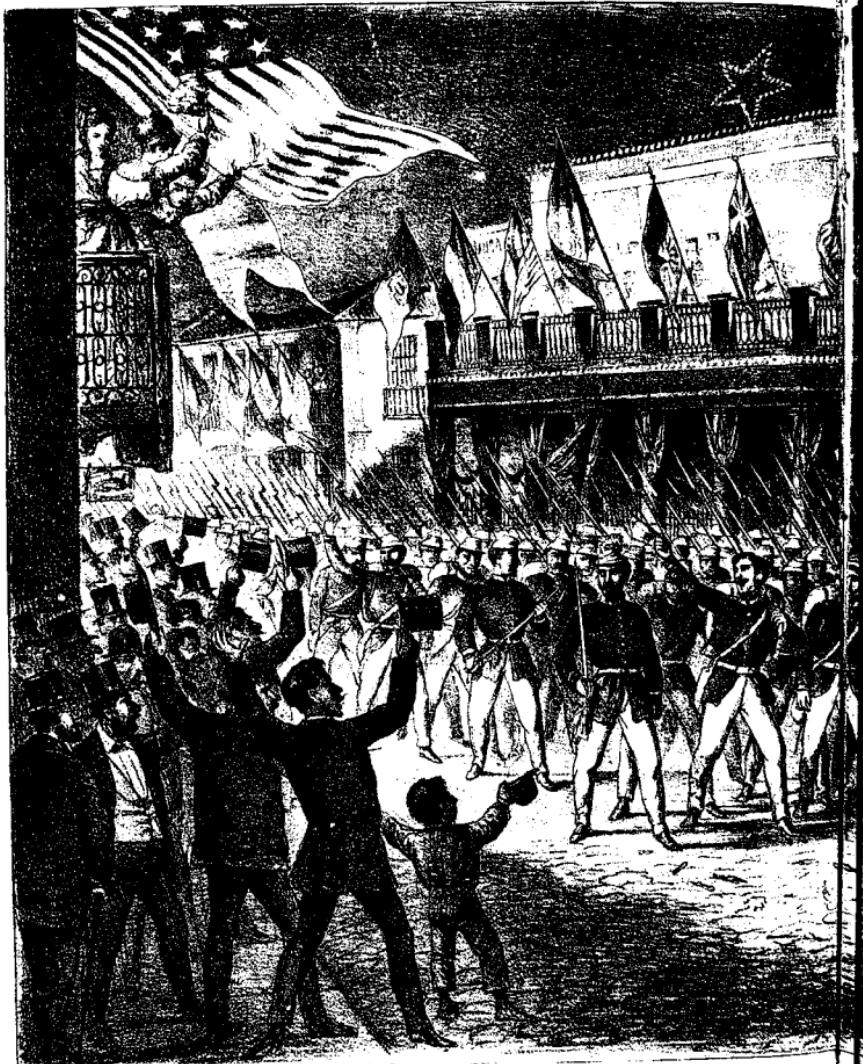
Calculem por este introito:

Voltaes tão cheios de gloria,  
Vejo-vos tanto crescer,  
Que o livro da nossa historia  
Não pôde mais vos conter!

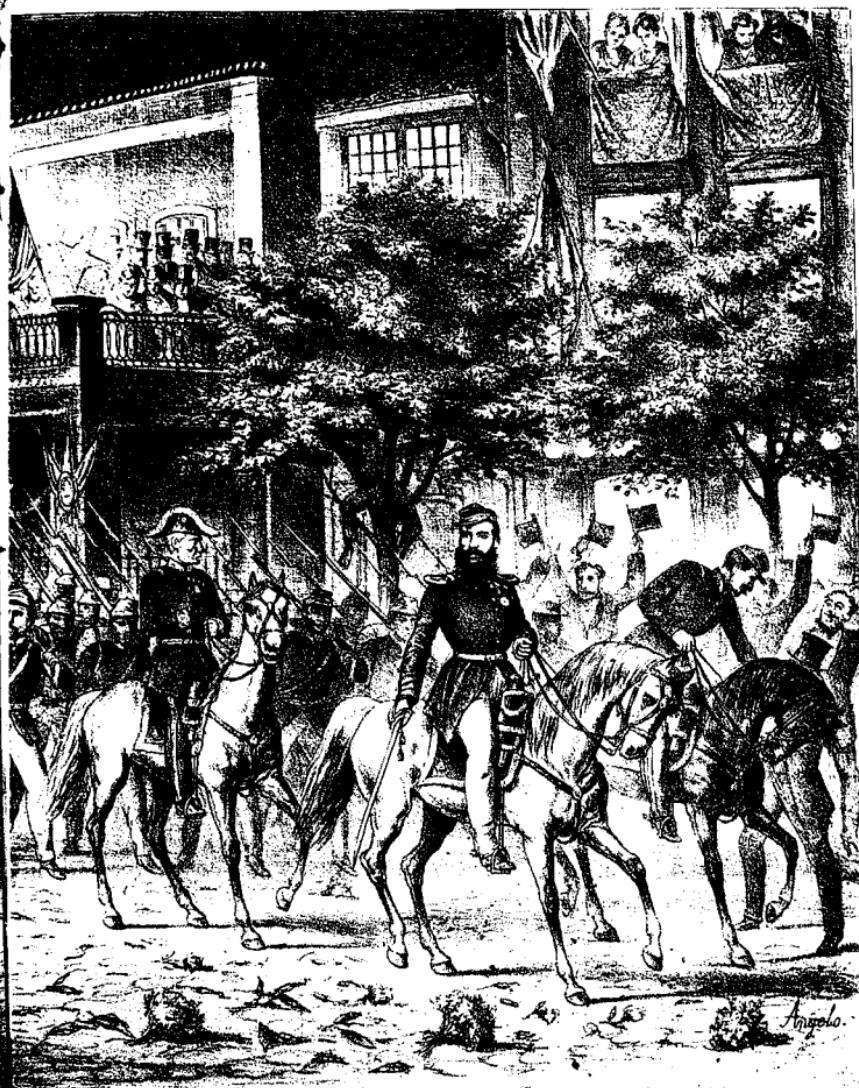
Tudo o mais é d'aqui para cima. Ora, permita que lh' o diga o inspirado poeta, se nossos bravos fizeram causas tais, que o livro da nossa historia é pequeno para os conter, não cumpriram seu dever; pecaram por excesso, e bem podem ser comparados aos artilheiros que lanção as balas muito além do alvo, com o que provam a excellencia dos seus canhões.... e a inocencia de seus tiros.

Talvez esteja eu em erro; folgo mesmo que tal acóutega.

No final de sua brilhante e encandecida poesia, diz o Dr. Guimarães Junior:



ENTRADA TRIUMPHAL DOS VOLUNTARIOS D.



RIA NA TARDE DE 23 DE FEVEREIRO DE 1870

Eis-vos enfim! São tão grandes  
Vossos vultos inmortais,  
Que comparal-os nos Andes  
Faria abaixar os muios!

Safa! O que resta saber é se o abaixar se refere nos Andes.

Lembro-me agora daquela poeta que começou uma saudade ao seu rei assim:

Ama o povo o rei!

Logo no primeiro verso interrompeu-o o monarca dizendo:

— Explique-me o sentido dessa phrase, porque não sei se é o rei que ama ao povo ou vice-versa.

Não se agaste comigo o Dr. Guimaraes Junior por estas pequenas observações, que nem de leve empanam o brilho de sua bellissima produçao.

A parte mais sympathica dos festejos no dia 21 foi sem dúvida alguma a commissão de senhoras que, depois de cumprimentar S. A. Imperial, percorreu algumas ruas da cidade, fazendo tremular o pendão auri-verde.

Parce-me que nunca vi uma scena tão repassada de poezia.

Quasi todos os grupos entusiastas pararam em frente ao *Jornal do Commercio*; um dellos, por graçeo levantou este víva:

“Salve a imprensa livre!”

Que gaiaços são os taes estudantes de medicina!

E a tantos discursos e poezias proferidos diante do seu balcão, o redactor em chefe do *Jornal do Commercio*, habil penma de gongo portuense, não achou duas palavras para responder.

Seria pouco caso?

Andao enfermos os theatros.

O São Luis soffre falta de gaz;

O S. Pedro, de falta de repertorio;

A Phenix, de irritação intestinal;

O Alcazar, de tudo isso e de outras coisas mais;

O Lyrico já não soffre. Deus lhe falle n'álma.

Organisou-se a todo panno uma nova associação dramática para o Gymnasio; já fazem parte della as Sras. Eugenia Camara, Erancisca Marques, Francisca Monclar e Elisa, e as Srs. Martinho, Monclar,

Carvalho e certo *turgo*, muito nosso conhecido, cujo nome não posso ainda declinar.

Fal-o-hei d'aqui a oito dias.

Consta-me de fonte pura que Sua Alteza o conde d'Eu fará sua entada no Rio de Janeiro, à testa de alguns milhares de voluntarios, dô dia 15 a 20 do proximo mez.

Preparamos-nos com tempo para recebel-o dignamente.

Os meus caríssimos leitores durante muitos dias folgaram, livres do pesadelo de minha chronicá.

Em compensação aguentaram desta vez uma estupida!

Tenham paciencia!

Era preciso esvadir a taça, que se foi enchendo nas tres semanas de silencio!

D'aqui em diante não os aborrecerá tanto o humilhissimo servo

A. de C.

*Assunto de varias cores.*

A abnegação com que S. M. o Imperador resceu a estatua, que o Imperio fencionava erigir-lhe, pedindo à commissão respectiva que aplicasse à criação de escolas populares o producto da subscricao para tal fim projectada, é a prova mais significativa do interesse que o Sr. D. Pedro II temo pelo principal elemento do progresso moral do seu paiz.

Embora a instruçao publica tenha merecido a mais constante solicitude de Sua Magestade, é forçoso confessar que esse importante ramo de serviço não attingio ainda no Brazil o grau de perfeição que seria para desejar.

As escolas actuales não bastam a conter o numero de alumnos que deveria frequental-as, os professores são pagos excessivamente, e não ha edificios adequados para estabelecimentos de tal natureza.

A abnegação Imperial remove até certo ponto esses inconvenientes; assim a commissão, bem penetrada dos desejos do Monarca, procure realisar os de sorte a merecer os louvores da nação.

E já que falei em instruçao publica, manda a consciencia que eu não largue tão importante assunto sem recomendar aos pais de familia o estabelecimento do Sr. Falletti, situado no alto de Catumbi.

Pelo lado de sublurdade gosa aquelle arrabalde, especialmente no ponto onde o collegio se acha edificado, de mais vantajosa reputação. Além dessa circunstancia, tão necessaria a estabelecimentos da-

quella ordem, dispõe o collegio de vasta chacara toda arborizada, onde os alunos nas horas de recreio pôdem entregar-se aos folguedos juvenis sem que o sol venha encorrompidos.

Interiormente reina o mais escrupuloso accio e rigorosa ordem. A refeição é sadia, abundante e distribuida quatro vezes por dia sempre ás mesmas horas.

O ensino acha-se a cargo de professores intelligentes de entre os quais citarei o director, cujas habilitações científicas são geralmente respeitadas, e que poucos rivais conta no conhecimento perfeito dos idiomas e da história universal.

Accresce, também em favor daquelle casa, que, pondo de parte essa severidade excessiva, que só serve para intimidar as crianças, o Sr. Faletti trata-as com o carinho proprio de um pai extremoso ou de um amigo dedicado por tal sorte que, mesmo fôr do collegio, os alumnos são unanimies em proclamar bem alta as virtudes do seu director.

Por certo não fallarão em assim, se por vezes não tivesse interrogado alguma delles.

Os theatros não deram signal de vida. O que os cartazes anunciamavam ha oito dias, anunciam ainda hoje. Como novidade, pois, tem o chronista sómente a registrar a chegada da nova companhia equestre e gymnastica recentemente contractada pelo Sr. Chiarini.

Segundo os annuncios publicados nas folhas de grande circulação, a estréia deve ter lugar esta noite no círculo da Guarda Velha.

Falla-se de encontro real e de spérito em regra. O Alcazar deve reabrir-se logo que Hurhain e Valmonca se achem restabelecidos.

Sei d'antemão que esta noticia fará estremecer de jubilo os habitués daquelle theatro.

A. DE A.

## PASSEIOS À CHUVA

por

JOSE D. CESERINO DE OLIVEIRA

I

Ha muito consa aborrecida neste mundo, e entre elles pode-se apontar um dia de chuva.

O militar à quem é confiada guarda de seus concidadãos, busca no imenso capote abrigos para as horas que o dever manda que elle passeie e repasseie em um quartelão onde os transeuntes são raros e os moradores escondem-se bem no fundo de suas casas, para nem os menos ouvirem de harmonia com o cair da chuva, o passo sempre igual e monotonio desse agente da autoridade.

De mais a mais, e o peior de todos os resultados da chuva, a menina não vai à janelha esperar o amante porque salve que com a chuva o amor é suscetível de ficar constipado, e o namorado não passa ante a

janelha de sua bella, porque deseja, ao menos na apariencia, passar por homem do juizo.

Em uma palavra, a chuva tem o dom de reter em seus domicílios até aquelles que a maior necessidade da vida ás vezes não consegue resolver a tanto.

“ Que tempo aborrecido! ” exclama de quando em quando do fundo de algum gabinete uma vozinha de anjo.

“ Quando haverá sol? ” interroga o si mesmo o mancebo, que já aborrecerá de olhar para as nuvens em busca de um indicio de bom tempo.

E assim visto-se escondido as horas; o operario, o comerciante abastado, este escondendo-se no fundo de um tilbury, aquelle apressando os passos, buscando um confortável fim: — o domicílio!

Ohi como é aborrecido um dia de chuva!

E, porém, nos dias de chuva que eu passeio mais comodamente e sem o risco de ser molhado, nem mesmo com a agua do banho que alguma interessante criadinha possa lançar sobre mim das janelas de algum sobrado.

No entanto passeio, divirto-me, recebo visitas, assisto a espectáculos e, mais que tudo, converso mais largamente com a vizinha A.

Emfim, faço viagens à Xavier do Maistre — com a diferença do fazel-as sómente com chuva, porque, quando o tempo está bom é pouco para contemplar o porte angelico de minha amavel vizinha.

II

A vizinha é a menina mais astuciosa que tenho conhecido durante as vinte primaveras que tenho passado no mundo.

A primeira vez que nos comprimentamos sorriu-me com tanta ternura!... e esse riso foi acompanhado de um olhar!...

Infelizmente para a vizinha ou para mim que tanto gosto de contemplar seus encantadores olhos, desde que ella é minha vizinha, bem poucos são os dias que não chove e portanto que não me obriga a fazer uso do meu novo sistema de passear à chuva.

III

Da mesma maneira que reconheço o quanto é astuciosa a vizinha, não posso deixar de confessar que ha bastantes vezes que muito a meu pesar não acho, por mais que procure, a minha habitual presença de espírito.

Ha dias, passando pelo portão de nossa casa a vizinha Amelia com sua família, na occasião em que começava a chover, e parou, ella que eu tinha comigo um guarda-chuva e foi isso bastante para elle pronunciar a seguinte phrase acompanhada de um risinho suspirio: “ Se eu soubesse, tinha trazido um guarda-chuva!... ”

E eu por mais que quisesse pronunciar uma mal alinhavrada oração para oferecer-lhe o objecto que pos-me em taes colicas, não podia mover a lingua que parecia-me um pedaço de osso!

E elle passou dando uma risadinha e olhando-me com um certo ar.... creio que compaixão.

(Continua).

A VIDA FLUMINENSE



FRAN<sup>DO</sup> SOLANO LOPES

M<sup>RA</sup> ELISA AUGUSTA LINCH